

# **A QUESTÃO DA AUTENTICIDADE DA FILOSOFIA BRASILEIRA**

**Dr. Antônio Joaquim Severino  
Do Inst. Fil. e Teologia da PUC.**

## **INTRODUÇÃO**

A filosofia tem tido presença garantida no cenário intelectual brasileiro durante toda a sua tradição histórica, tanto na pesquisa como no ensino, eclesiástico ou universitário. Já se pode falar de uma literatura filosófica no Brasil, sinal e consequência de todo um cultivo de pensamento. E não poderia deixar de ser assim, sobretudo nas atuais condições da cultura brasileira, dado o nível de complexidade interna e de relacionamento externo com outras culturas que já atingiu. Ao mesmo tempo em que alguns pensadores configuram sua personalidade filosófica, experiências mais exigentes são levadas a efeito nas universidades, são promovidos regularmente congressos e encontros, são efetuadas traduções mais cuidadosas de textos filosóficos de valor universal. Sem dúvida alguma, nos dias atuais está cada vez mais ganhando corpo entre nós uma preocupação maior com a filosofia e uma busca mais atenta do sentido de sua contribuição para o pensamento nacional (1).

Por isto mesmo acreditamos que a vida filosófica no Brasil está passando por um momento crucial. Porque, se de um lado, assistimos à manifestação objetiva de uma revalorização da filosofia, por outro lado, esta filosofia está correndo o risco de não vir a cumprir a sua tarefa frente aos desafios do desenvolvimento histórico brasileiro por falta de uma retomada de consciência das condições de autenticidade de sua missão. Sem esta autodefinição, a filosofia brasileira continuará à margem da cultura na qual se insere e a qual é chamada a informar, incapaz de dar a contribuição para a qual está sendo

---

(1) Cf. Miguel REALE, Prefácio a Lúdia ACERBONI, *A filosofia contemporânea no Brasil*, págs. 7 – 9.

solicitada pela própria história do país. Continuará envolvida em alguns equívocos já tradicionais na sua trajetória histórica no quadro cultural brasileiro, ficando aí como mera presença literária.

Estas considerações têm por objetivo assinalar alguns destes equívocos presentes na atuação da filosofia no Brasil e esboçar algumas premissas que, a nosso ver, constituem exigências mínimas para o exercício de uma filosofia autêntica em nosso contexto brasileiro, garantindo, então, a esta filosofia uma efetiva contribuição para o projeto cultural de nosso país.

Quais são, pois, as condições de autenticidade para uma filosofia brasileira? Quais os equívocos de nossa tradição filosófica? Como se conciliam as exigências universais do filosofar como ato de razão com as exigências da singularidade de nossa existência histórica?

## 1. OS EQUÍVOCOS DA TRADIÇÃO FILOSÓFICA NO BRASIL

Quando voltamos nossa atenção para a literatura oficialmente reconhecida como a literatura filosófica no Brasil, e quando analisamos a estrutura e o funcionamento dos cursos e disciplinas de filosofia nas universidades e escolas superiores brasileiras, ficamos logo surpresos com o caráter "estrangeiro" das formulações e teorias filosóficas assimiladas por nossos pensadores. "O que desde logo nos impressionou, quando tentamos estudar a evolução da filosofia no Brasil, foi a longa e variada importação de idéias e doutrinas, aparentemente contraditórias que viemos fazendo no decorrer de nossa história. Que sentido têm para nós essas idéias? Mas outro problema se nos apresentou: em que medida assimilamos o pensamento ocidental no qual estamos ligados?" (2) Este testemunho do professor Cruz Costa é referendado por quase todos os analistas da cultura brasileira, quaisquer que sejam suas posições ideológicas ou filosóficas, quando abordam a questão da transplantação, da inautenticidade, da heteronomia ou da alienação da cultura brasileira (3).

Assim, o pensamento filosófico no Brasil acaba sendo identificado com uma retomada de modelos teóricos estranhos ao contexto histórico

(2) João CRUZ COSTA, *Contribuição à História das Idéias no Brasil*, pág. 436.

(3) Nesta linha se situam os trabalhos de Álvaro Vieira Pinto, Roland Corbisier, Guerreiro Ramos, Cândido Mendes, Geraldo Bastos da Silva, Hélio Jaguaribe, Néson Werneck Sodré e outros. Considerando de maneira mais positiva esta comunidade da "cultura atlântica", pensadores culturalistas e neotomistas, tais como: Alceu de Amoroso Lima, Lima Vaz, Geraldo Pinheiro Machado, Djacir Menezes, Miguel Reale, Luís Washington Vita e outros, não deixam de identificar a mesma situação. Cf. Lúcia ACERBONI, *A filosofia contemporânea no Brasil*, págs. 51 - 58.

brasileiro que são importados, transplantados e artificialmente mantidos aqui, por sobre as fronteiras espaciais e por sobre os limites temporais.

Artificialmente mantidos num contexto cultural diferente daquele onde nasceram, estes modelos filosóficos só podem mesmo sobreviver se transformados em verdadeiras doutrinas "escolásticas". Pouco importa se se trate do modelo tomista, positivista, neopositivista, marxista, estruturalista ou ainda existencialista: estamos sempre diante de uma forma escolástica de pensar diferenciando-se uma da outra apenas pelo seu maior ou menor nível de sofisticação ou de prestígio...

Não há como negar o válido papel pedagógico da escola filosófica e de sua fecundidade interpretativa da problemática humana de determinada situação. Mas a partir do momento em que, por falta de assimilação mais crítica e por falta de diálogo em maior profundidade, estas doutrinas passarem a ser cultivadas como se fossem verdades dogmáticas, válidas em si e por si mesmas, elas se transformam em verdadeiras "escolásticas", fundadas no verbalismo e a um passo do formalismo vazio.

É por isso que, toda filosofia atual "que se limitasse tão-só a repetir e comentar as teses fundamentais dos filósofos do estrangeiro, seria por isso mesmo, recebida como empréstimo" (4), assim como toda filosofia que se limitasse, em suma, "a repetir as teses fundamentais de um sistema filosófico do passado, seria, por isso mesmo, natimorta. Sem raízes no contexto histórico que a viu nascer, ela não responderia, por definição, a nenhuma das preocupações que inquietam o homem atual..." (5).

Esta condição alienada do pensamento filosófico acarretou sérias conseqüências para o ensino e para a pesquisa no âmbito da filosofia no Brasil. Nossos cursos de graduação em filosofia não conseguem formar o pensador, amadurecer a personalidade do pensador brasileiro capaz de abordar a nossa realidade, mediante um enfoque especificamente filosófico. Ocorre, então, um fenômeno estranho: os pensadores que, entre nós, realmente abordam a problemática situacional brasileira, com uma perspectiva filosófica, não são explicitamente filósofos: mas, fundamentalmente, cientistas da área das ciências humanas, tais como: sociólogos, juristas, economistas, teólogos, psicólogos e outros. Mas, sem possuírem uma preocupação especificamente filosófica, acabam dando a suas conclusões científicas uma significação extrapolada, decorrente dos

(4) Michel SCHOOTYANS, "Tarefas e Vocação da Filosofia no Brasil", *Rev. Bras. de Filosofia*, nº 41, págs. 76 – 77.

(5) *Ibid.*, pág. 76.

pressupostos de respectivas especialidades. É evidente que a contribuição das várias especialidades científicas para a construção de um projeto cultural brasileiro é imprescindível e insubstituível e é claro também que a filosofia sozinha não teria nenhum sentido: mas, no concerto das ciências, das técnicas, das artes e da práxis, a voz do filósofo deve fazer-se igualmente presente, porque o eixo do debate sobre a situação brasileira gira em torno de problemas filosóficos (6).

As conclusões científicas em nosso contexto acabam adquirindo, muitas vezes, uma extrapolada significação filosófica. Por sua vez, a formação específica em filosofia, presa em seus esquemas "escolasticizados" não põe os estudantes de filosofia em diálogo com os estudantes das áreas científicas e as pesquisas nas várias áreas, acabam-se ignorando, provocando, não raro, posturas críticas recíprocas, infundadas e superficiais.

Podemos, pois, afirmar que a filosofia reduzida a conteúdos doutrinários sistematizados não trará ao Brasil nenhuma contribuição. Passará sempre longe de seus objetivos reais.

Mas como pode a filosofia conciliar esta exigência de enraizamento no contexto histórico com a sua dimensão de reflexão universal, em nome da qual se insiste em mantê-la dissociada dele? Como conciliar suas perspectivas de singularidade com suas exigências de universalidade?

## 2. SINGULARIDADE E UNIVERSALIDADE DA ABORDAGEM FILOSÓFICA

Das considerações anteriores, poder-se-ia concluir que a filosofia devesse ser mera expressão singular de um contexto sócio-cultural bem definido. Mas não se trata disto.

A filosofia é resultante de uma atitude de reflexão radicalmente comprometida com exigências lógico-rationais. E "sempre que uma Razão se expressa, inventa filosofia" (7) e é necessariamente universal por atingir a todos os seres humanos. Neste nível, a filosofia, como a ciência, busca fundar-se em bases de transcendentalidade racional.

(6) Michel SCHOOYANS, "Tarefas e Vocação da Filosofia no Brasil", *Rev. Bras. de Filosofia*, nº 41, pág. 84.

(7) Roberto GOMES, "Crítica da Razão Tupiniquim", *Rev. Vozes*, nº 5, 1 974, pág. 14.

Mas esta universalidade da filosofia não está radicada no conteúdo de qualquer sistema filosófico. Está, antes, na atitude de reflexão assumida pelos filósofos em todos os tempos. E esta atitude justifica também a "perenidade" da filosofia e não alguma presumida supremacia de modelos históricos de respostas a problemas com que a humanidade pensante se tenha defrontado.

E é ainda esta perene atitude de indagação, de reflexão e de crítica que torna válida a história da filosofia e necessária a sua contribuição para a formação filosófica. No diálogo com os pensadores do passado, se temos uma lição a aprender, é aquela de sua postura crítica frente aos problemas reais com que se defrontam.

Isto nos permite descartar qualquer tipo de ilhamento cultural e toda exagerada xenofobia filosófica. O contato com outras culturas é, pois, condição de contínuo desdobramento de nossa maturidade existencial: desde que, mediante o exercício de uma impiedosa antropofagia, acrescenta Roberto Gomes (8), desejoso de que a filosofia brasileira venha a ter também a sua Semana de Modernidade. A erudição filosófica deve ser necessariamente cultivada, não como um fim em si mesma, mas como imprescindível instrumento de trabalho de pesquisas, de reflexão e de diálogo com os pensadores de outras épocas e de outros países (9).

Assim sendo, a abordagem e o estudo rigorosos do pensamento estrangeiro aparecerá, na dinâmica da formação e da reflexão filosóficas no Brasil, sob um enfoque totalmente modificado. Não se tratará mais de se assimilá-lo mecanicamente, numa atitude de adesão pré-crítica, mas antes, de tirar dele a lição mais fundamental: de que a filosofia, embora servindo-se de seus instrumentos racionais, é, antes de tudo, uma volta reflexiva sobre uma problemática muito concreta e a história da filosofia é a explicitação desta atitude de personalização da experiência do homem frente ao mundo.

Esta é a maior lição que a história da filosofia pode-nos dar. "Por mais longe que remontemos na história das grandes sínteses filosóficas, uma constante se impõe ao espírito: os mais ilustres filósofos acharam o ponto de partida de sua reflexão num conhecimento aprofundado dos diversos problemas de seu tempo. Os maiores dentre eles, sem nenhuma exceção, possuíram uma consciência aguda das necessidades de sua época. E, ainda, não basta dizer que

---

(8) *Ibid.*, pág. 19.

(9) Michel SCHOOYANS, "Tarefas e Vocação da Filosofia no Brasil", *Rev. Bras. de Filosofia*, nº 41, pág. 81.

estavam informados dessas necessidades e exigências: é a partir de uma reflexão sobre elas que toma impulso o pensamento deles, no que tem de mais original e mais pessoal", afirma, com toda razão, Michel Schooyans (10).

A autenticidade do filosofar está, pois, vinculada também a este enraizamento num "fantástico acúmulo de vivências de uma dada situação" (11). Estas vivências são, de fato, vividas por todos os homens: mas só mediante o distanciamento permitido pela abordagem filosófica, é possível explicitá-las. O filósofo, em dada comunidade, que vive determinada experiência histórica, é aquele que, por um aguçamento de sensibilidade, pode explicitá-la. Com efeito, "o que constitui o núcleo propriamente pessoal de um pensamento filosófico e o que lhe confere, ao mesmo tempo, essa dimensão eterna a que ele aspira, é a capacidade de assumir pessoalmente um conjunto de dados históricos, de interrogá-los, interpretá-los e, até, orientá-los; numa palavra, conferir-lhes um sentimento humano, na dupla acepção deste último vocábulo: orientação e significação" (12).

A filosofia não pode, pois, perder referências a uma situação pessoal, ela precisa ser centrada na experiência existencial do filósofo (13). Como tal, ela é, também, uma experiência datada e situada numa temporalidade irrecusável.

### 3. AS CONDIÇÕES DE AUTENTICIDADE DA FILOSOFIA BRASILEIRA

Dando por pressuposta a filosofia no Brasil, sem nos preocuparmos com suas reais condições de validade, como sempre o fizemos, corremos o risco de fazer dela uma experiência inautêntica (14).

Cabe, pois, à filosofia brasileira, munindo-se dos instrumentos universais, fornecidos pela transcendentalidade de uma consciência pluridimensional, voltar-se para a experiência histórica vivida pela comunidade brasileira. Trata-se de buscar a problematicidade desta experiência e de abordá-la mediante uma reflexão simultaneamente rigorosa, radical e universal. Sem ceder em nada, no que diz respeito às exigências do procedimento racional, buscar as raízes

(10) *Ibid.*, pág. 61.

(11) Roberto GOMES, "Crítica da Razão Tupiniquim", *Vozes*, nº 5, 1 974, pág. 17.

(12) Michel SCHOOPYANS, "Tarefas e Vocação da Filosofia no Brasil", *Rev. Bras. de Filosofia*, pág. 61.

(13) Cf. Roberto GOMES, "Crítica da Razão Tupiniquim", *Vozes*, pág. 16.

(14) Cf. *Ibid.*, págs. 14 – 15.

desta problemática, “pensar ao limite, levando-a a sério e extraindo dela todas as conseqüências” (15), numa perspectiva de globalidade (16). Abstrata em sua expressão, a filosofia brasileira não deverá deixar nunca de ser expressão explicitadora de uma situação muito concreta.

Nessa tarefa de aproximação, de conhecimento e de convivência com a realidade histórico-existencial brasileira, a filosofia não pode prescindir da contribuição das ciências em geral e das ciências humanas em particular e, de modo especial, das pesquisas realizadas por estas enquanto investigam de nossa realidade humana. O acentuado divórcio tanto ao nível das pesquisas, entre as várias ciências e a filosofia, testemunha, de maneira irrecusável, a inexacta compreensão da missão que o pensamento teórico brasileiro se deveria propor.

Ao filósofo brasileiro impõe-se profunda informação a respeito da história de seu país, assim como da sua situação atual exatamente como deve ser fornecida pelas várias ciências. Assim a situação cultural, social, política, econômica, artística, religiosa e educacional, precisa ser devidamente equacionada e “reflexionada” pelo filósofo. Isto porque só à filosofia cabe elaborar como que a síntese mais profunda de uma cultura. E é à filosofia brasileira que cabe delinear prospectivamente, a partir de uma retomada destes dados concretos, os contornos de um projeto civilizatório, dentro do universo da significação da existência humana. A nação brasileira não poderá constituir-se empiricamente ao sabor dos esforços dispersos e desarticulados ao nível de sua significação humana. É preciso, pois, instaurar um pensamento norteador que assuma, no plano da radicalidade antropológica, a tarefa de desenhar os fundamentos para o desenvolvimento brasileiro em todas as suas dimensões. Sem dúvida, a ideologia do desenvolvimento de uma comunidade deveria ser fundada neste pensamento filosófico (17): mas a filosofia, assim entendida, assumirá antes o caráter de uma utopia (18).

A autonomia do pensamento filosófico no interior de uma cultura é, ao mesmo tempo, condição e testemunho de autonomia global. E a consistência de uma civilização se medirá mais por esta autonomia do que pelo prestígio ou pelo poderio econômico ou militar. Não é, sem razão, que a civilização grega é superior à romana.

(15) Roberto GOMES, “Crítica da Razão Tupiniquim”, *Vozes*, nº 5, 1974, págs. 16 – 17.

(16) Dermeval SAVIANI, “A filosofia na formação do Educador”, *Revista Didata*, nº 1, 1975, págs. 71 – 72.

(17) Michel SCHOOYANS, “Tarefas e Vocação da Filosofia no Brasil”, *Rev. Bras. de Filosofia*, nº 41, pág. 82.

(18) No sentido apresentado por Pierre FURTER, *Educação e Reflexão*, págs. 35 – 46.

Ademais, a regionalização do pensamento filosófico brasileiro, ao mesmo tempo que assegurará sua autenticidade, garantirá também sua universalização, ou seja, o seu reconhecimento pelo pensamento universal, tal como ocorre em todos os outros setores da cultura (19).

### CONCLUSÃO

Assim concebida, na autenticidade de seu exercício no contexto brasileiro, a filosofia exige das universidades e das instituições de pesquisa um tratamento diferente daquele que, em geral tem recebido. Se cabe à Universidade formar profissionais, pensadores e pesquisadores, é preciso garantir estruturalmente a todos eles, os elementos filosóficos imprescindíveis para que possam avaliar mais adequadamente sua função no projeto histórico-cultural do Brasil.

Mas, de outra parte, é preciso que a formação específica dada àqueles que se preparam para o trabalho próprio da filosofia seja mais coerente com este seu significado, fornecendo-lhes o instrumental rigoroso, bem como a sensibilidade aguda e precisa para com a situação existencial em que se encontram historicamente.

E que esta formação se desdobre em pesquisas que forneçam bases para maior conhecimento e melhor compreensão do próprio destino de nossa história.

### BIBLIOGRAFIA

ACERBONI, Lídia, **A filosofia contemporânea no Brasil**, São Paulo, Grijalbo-Edusp, 1 970.

CRUZ COSTA, João, **Contribuição à História das Idéias no Brasil ( O desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional )**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1 956.

FURTER, Pierre, **Educação e Reflexão**, Petrópolis, Vozes, 1 968.

GOMES, Roberto, "Crítica da Razão Tupiniquim", Revista **Vozes**, nº 5, 1 974, ano 68, págs. 13 — 20.

---

(19) Michel SCHOOYANS, *ibid.*, pág. 76, notas 20 e 22, no que diz respeito à música.

- MACHADO, Geraldo Pinheiro, "A filosofia no Brasil", Apêndice a HIRSCHBERGER, J., **História da Filosofia Contemporânea**, São Paulo, Herder, 1 963, págs. 61 – 90.
- MONTORO, André Franco, **Significação da Filosofia no Contexto Brasileiro**, Brasília, 1 972.
- PAIM, Antônio, **História das Idéias Filosóficas no Brasil**, São Paulo, Grijalbo-Edusp, 2ª, 1 974.
- SAVIANI, Dermeval, "A função da filosofia na formação do Educador", **Revista Didata**, nº 1, 1 975, págs. 63 – 78.
- SCHOOYANS, Michel, "Tarefas e Vocação da Filosofia no Brasil", **Revista Brasileira de Filosofia**, vol. XI, fasc. 41, Jan-Mar., 1 961, págs. 61 – 90.
- VITA, Luís Washington, **A filosofia contemporânea em São Paulo**, Grijalbo-Edusp, São Paulo, 1 969.